



PEDRO MALAN: "Não vamos reestruturar, não vamos renegociar a nossa dívida"

Malan: conclusão é equivocada

Ministro descarta renegociação da dívida e novo acordo com o FMI

Vivian Oswald e Flávia Barbosa

• **BRASÍLIA e RIO.** O ministro da Fazenda, Pedro Malan, classificou de equivocado o conteúdo do relatório do Banco Mundial (Bird), que aponta que o Brasil poderá ter que renegociar sua dívida. Ele afirmou que não há possibilidade de o país encaminhar qualquer procedimento nesse sentido. Malan, sem ter sido informado de

que se tratava de um relatório oficial do Bird, ponderou que o texto poderia ter sido escrito por economistas do banco apenas para discussão interna. O ministro enfatizou conhecer a entidade, onde foi representante do Brasil no Conselho Administrativo. Por isso, acreditava que a conclusão não era uma visão institucional:

— Eles (os funcionários do Bird) são pagos para escrever trabalhos para circular para discussão. O problema é quando se atribui a eles a característica de expressar a visão formal e oficial da instituição. Não

vamos reestruturar ou renegociar a nossa dívida.

O ministro disse ainda que não está negociando qualquer ampliação da linha de crédito concedida pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) em agosto. Segundo Malan, o Brasil teve acesso a US\$ 15,7 bilhões, dos quais já sacou US\$ 4,7 bilhões.

— Ainda restam US\$ 11 bilhões. Não estou vendo necessidade de mais nesse momento. Não tocamos nesse assunto em momento algum — destacou Malan, referindo-se às conversas do governo com os técnicos da missão do FMI que estão no Brasil há duas semanas.

Para economistas, país não terá que renegociar débitos em 2002

Os economistas também afastam a possibilidade de reestruturação. Paulo Levy, coordenador de conjuntura do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), diz que o próprio vice-presidente do Bird para América Latina, David de Ferranti, elogiou o país em seminário semana passada em Brasília. Ele destaca que o mercado está descolando os riscos de Brasil e Argentina, que o déficit em conta corrente será menor em 2002 por causa do saldo mais positivo da

balança comercial e que, mesmo com a brutal desaceleração do comércio mundial, as exportações brasileiras devem crescer 6%, contra 3% do mercado global.

— Esta é uma afirmação com base numa evolução muito pessimista do cenário externo que pode não se confirmar. Não vejo fundamento para uma conclusão destas — afirma Mailson da Nóbrega, da Tendências. Para ele, o momento é muito diferente do de 1982, quando a moratória do México levou 30 países à renegociação. Hoje, a dívida brasileira é menor, há prudência fiscal e aposta na estabilidade, explica Mailson, classificando de exemplar o comportamento do Brasil em comparação à Argentina.

Lauro Vieira de Faria, da Fundação Getúlio Vargas, pondera que, apesar de a dívida brasileira ser imensa e de os fundamentos terem se deteriorado nos últimos meses, o país não vive uma situação limite que justifique apontar a iminência de um calote coordenado.

Ontem, na Câmara, o deputado Hélio Costa, presidente da Comissão de Relações Exteriores, apresentou proposta de auditoria da dívida externa brasileira. ■